

O REI QUE NÃO GOSTAVA DE DOCES

Maria Hilda de J. Alão

1ª EDIÇÃO

AUTOR: Maria Hilda de J. Alão
TÍTULO DA OBRA: O Rei Que Não
Gostava de Doces
1ª edição
Santos - 2018
ISBN: 978-85-448-0673-9

Copyright © 2018
Maria Hilda de J. Alão
Todos os direitos reservados e protegidos por Lei
Nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

DEDICATÓRIA

Dedicado aos meus netos Fernando e Sílvio e aos meus bisnetos Fernandinho e Michelle e as minhas filhas Clarinda e Iara.

As histórias deste livro representam os momentos de alegria passados ao lado dos meus netos. Momentos inesquecíveis que se perderiam se não fosse o milagre da escrita.

ÍNDICE

01 - O Menino que Não Crescia	10
02 - O Gato Grande	17
03 - A Fada Boneca	19
04 - O Lobo Esperto	22
05 - O Pássaro Mágico	24
06 - O Rei que Não Gostava de Doces	28
07 - O Tesouro Enterrado	33
08 - O Torrão de Açúcar	35
09 - O Menino e a Moeda	38
10 - O Número Chorão	40
11 - O Pote de Mel	43
12 - O Rei dos Coelhos Felizes	47
13 - O Sonho do Gato	55
14 - Os Habitantes da Cartilha	58
15 - Os Soldadinhos de Chumbo e os Índios	61
16 - Trotinho & Samambaia	67
17 - O Macaco e a Lebre	72
18 - O Mais Esperto dos Espertos	75
19 - A Menina e o Livro	79
20 - O Pescador Preguiçoso	82

21 - O Relâmpago, o Trovão e a Chuva.	86
22 - O Velho Leão e o Macaco	89
23 - As Quatro Estações	95
24 - O Inverno e a Primavera	98
25 - O Barquinho Piripau	101
26 - Prece Para Uma Flor	105
27 - O Fósforo e a Caixa	108
28 - A Revolta do Dicionário	110

O MENINO QUE NÃO CRESCIA



Era uma vez um menino muito levado. Vivia sempre fazendo artes. Um dia, quando brincava na estrada que levava ao centro da aldeia, ele viu uma velhinha carregando uma cesta de ovos. Ele pensou: "vou derrubar a cesta da velhinha." E assim fez. Assustou a mulher, a cesta caiu e todos os ovos se quebraram. Mal sabia ele que aquela velhinha era uma fada má que agora estava furiosa por ter perdido todos os ovos.

O menino correu, mas a velhinha exclamou:

- Menino malvado! De hoje em diante não crescerás mais. A cada dia diminuirás de tamanho até que faças uma boa ação para duas pessoas que tenhas prejudicado.

A partir daquele momento o menino ficou triste e começou a perder altura. A princípio não se notava, mas com o passar dos dias a mãe começou a perceber e a ficar preocupada.

- Meu Deus, - dizia ela - será que rogaram praga para o meu menino?

E a história correu pela aldeia. Uns diziam que era castigo pelas maldades que o moleque fazia. Outros falavam que era uma doença contagiosa e que em breve a aldeia seria contaminada. Os dias passavam velozmente e o menino continuava a perder altura. O homem mais velho e mais sábio da aldeia foi consultado pela mãe do menino que queria saber o porquê daquela situação. O sábio ouviu tudo calado e quando a mãe terminou de falar ele disse:

- Seu filho cometeu uma má ação contra uma velhinha. Ele derrubou a cesta de ovos que ela trazia e todos os ovos se partiram. A velhinha lançou-lhe uma praga que só terminará quando ele praticar duas boas ações. A primeira ação: ele deverá repor os ovos que quebrou; a segunda ação: ele retirará do fundo do lago a boneca que jogou e cuja dona, uma menina de seis anos, procura até hoje sem saber que foi o seu filho o responsável pelo desaparecimento do brinquedo.

A mãe voltou para casa e foi contar ao filho o que o sábio lhe dissera. O menino afirmou ser tudo verdade. Ele quebrara, sim, os ovos que a velhinha carregava e também jogara a boneca no lago. - É muito fácil mamãe - disse ele - pegamos os ovos do nosso galinheiro e damos para a fada má. A boneca o papai pode mergulhar e pegar. Mal sabia ele que não seria assim tão fácil, pois os ovos que a fada carregava não eram de galinha, eram de uma ave rara que vivia no pico da montanha mais alta da floresta que circundava a aldeia, e a fada só aceitaria os ovos da ave rara. Para conseguir o perdão da velhinha o menino devia subir a montanha sem companhia. Ele chorou de medo.

- Então, filho, você deve partir imediatamente para a montanha e recuperar os ovos da fada. Depois falaremos com seu pai sobre a boneca.

O menino partiu levando uma cesta para coletar os ovos da ave rara, mas o caminho para o topo da montanha era difícil. Muitos empecilhos ele encontraria na subida, pois a ave era guardada por anões mágicos e gnomos verdes que se confundiam com a vegetação. E começou a subida. Na metade do caminho encontrou um dos anões que o fez parar.

- Que fazes aqui menino malvado?

E o menino contou a história. O anão ouviu tudo calado. Quando ele terminou o anãozinho lhe disse:

- Para continuar o caminho você deverá colher todas as frutas daquele pomar.

O menino olhou para o imenso pomar com milhares de macieiras carregadinhas de maçãs e pensou: "não vou conseguir sozinho." "Preciso de um ajudante." O anão que lia pensamentos ouviu e disse:

- Farás o trabalho sem ajuda ou não subirás a montanha.

E o menino começou o seu trabalho de colher maçã. Cada fruta colhida era um grito que a macieira dava:

- Ai! Seja mais delicado.

Feita a colheita o anão permitiu que ele continuasse a caminhar rumo ao topo da montanha. Foi subindo, subindo. Faltava pouco para alcançar o topo e recolher os ovos quando ele avistou um gnomo se banhando em uma casca de ovo. Parou e começou a rir. O gnomo, percebendo que era observado, perguntou:

- Está rindo de quê?

Neste momento o caminho para o topo da montanha desapareceu. Tudo ficou verde. A vegetação cresceu e o menino

perdeu a direção. Implorou para que o gnomo lhe mostrasse o caminho para o topo, mas gnomo disse não. O que ele deveria fazer para chegar lá? Perguntou.

- Já que riste da minha banheira, tu descerás aquele precipício. Lá embaixo tem um rio onde, na margem direita, vive um grupo de avestruzes. Pegarás um ovo e o trarás para mim. Preciso de uma banheira maior e só a conseguirei com o ovo de avestruz.

O menino souou frio quando chegou à beira do precipício. "Meu Deus, como é profundo!" exclamou ele olhando para baixo. Como descer? Olhando a sua volta ele viu que havia muitos cipós pendurados nas árvores. Teve uma ideia: pegou vários cipós e começou a trançar uma longa corda e começou a descer. Foi descendo devagar tremendo de medo. Então começou a ventar. A corda balançava e vento gritava:

- Ovos, boneca, ovos, boneca.

O menino queria tampar os ouvidos, mas se largasse a corda iria parar no fundo do rio. Finalmente o vento parou e ele conseguiu chegar à margem direita do rio indo procurar os avestruzes. Foi caminhando pela margem direita do rio até que, ao longe, avistou o bando de avestruzes e o grande ninho cheio de ovos enormes. Foi chegando devagar com a intenção de pegar um dos ovos, quando ouviu uma voz sussurrando baixinho: "se roubar o ovo não sairá daqui. Peça." E agora? Como fazer para pedir o ovo? Novamente a voz lhe disse: "chame o maior avestruz de rei e conte a verdade para ele." O menino foi caminhando devagar na direção do bando de avestruzes. Sua imagem, refletida na água do rio, mostrava que o processo de diminuição continuava, ele estava mais baixinho. Chorou pensando: "se eu não conseguir cumprir a tarefa, vou desaparecer." Estava arrependido do mal que fizera.

Aproximando-se dos avestruzes, ele gritou:

- Senhor rei dos avestruzes! - então ouviu uma espécie de ronco que identificou como a voz do rei. Foi chegando e viu diante de si uma ave enorme que lhe perguntou com voz cavernosa:

Que desejas? - e o menino respondeu com voz trêmula:

- Senhor rei, eu cometi muitos erros e fui condenado a encolher lentamente. Para reverter esse mal eu preciso de um ovo do seu ninho para cumprir uma parte da minha peregrinação.

O menino contou tudo que fizera ao rei dos avestruzes que lhe deu o tão desejado ovo. E lá se foi ele em direção da corda para sair do precipício. Estava na borda do precipício e pediu ajuda ao gnomo verde para poder sair. O gnomo, que tinha a intenção de empurrar o menino depois de pegar o ovo, disse:

- Passe-me o ovo que eu ajudarei.

Percebendo que não podia confiar no gnomo, o menino respondeu-lhe:

- Ou me ajuda ou eu abro a camisa e deixo o ovo rolar precipício abaixo. Tendo de concordar ou não teria a sonhada banheira, o gnomo ajudou o menino a subir. Já fora de perigo ele pediu que o gnomo lhe mostrasse o caminho para o topo da montanha o que ele fez movendo uma das mãos. E lá se foi o pequeno menino em direção ao topo da montanha. Estava quase chegando quando apareceu uma velhinha que lhe disse:

- Não será fácil chegar ao topo e recolher os ovos da ave rara.

- Não? Mas falta tão pouco! - exclamou o menino.

- Primeiro: você não tem o cesto que trouxe de sua casa. Segundo: eu preciso de ajuda, e se me ajudar eu lhe darei um cesto de prata para levar os ovos.

- O que eu terei de fazer para ajudá-la?
 - Está vendo essa imensidão de fios de prata? Se me ajudar a enrolar tudo eu farei o cesto para você.
 - É muito fio. Levará tempo e tempo é coisa que eu não tenho. Veja como estou encolhendo rapidamente.
 - Ou ajuda ou não terá o cesto nem os ovos!
- Exclamou a velhinha.

E o menino ajudou. Trabalhou de manhã, de tarde e de noite durante dois dias, até que concluiu a tarefa de enrolar os fios de prata formando um enorme novelo. A velhinha, contente, começou a tecer o cesto para o menino que lhe perguntou: "demora muito tempo para fazer o cesto?" ao que a velha respondeu: "uns dois dias." O menino sentou e chorou. Já havia encolhido mais um pouco. Finalmente o cesto ficou pronto e ele pôde continuar seu trajeto. Já estava do tamanho de um anão bebê quando chegou ao topo da montanha e viu os ovos da ave rara. Com muito esforço foi colocando os ovos no cesto que agora pesava demais. A velha, que fizera o cesto para ele, era uma fada do bem, disfarçada de velhinha, para testar o menino. Como recompensa pela ajuda que ele lhe dera, a fada o transportou direto para casa.

A mãe, ao ver o filho chegar bem menor do que quando partira, correu para abraçá-lo e ajudá-lo a carregar o pesado cesto de ovos. O menino queria correr para entregar os ovos para a fada má, quando a mãe o lembrou da segunda tarefa:

- Filho, falta a boneca no fundo do lago. Se não a tirar de lá e entregá-la para amenina o feitiço continuará.
- Mamãe, peça ao papai para fazer isso. Se eu entrar no lago morrerei. Veja como estou pequeno.
- É só você que pode fazer isso, ninguém mais.

E foram em direção ao lago a mãe e o filho. Lá chegando, a mãe pôs o filho no chão e disse-lhe: